

AS POSSIBILIDADES DE SATISFAÇÃO NA ADOÇÃO

Natércia Poinho Ferreira dos Santos
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO - Com este trabalho teve-se a intenção de penetrar um pouco na natureza da adoção, avaliando comparativamente alguns aspectos da interação pais-filhos adotivos e pais-filhos biológicos. Para realizá-lo contamos com a colaboração de vinte e quatro famílias, sendo doze biológicas e doze adotivas. Estas corresponderam todas à adoção plena, isto é, àquela na qual "todos os laços de sangue são rompidos, tornando a criança um descendente legítimo da família da qual assume o nome". Esses pais e filhos, adotivos e biológicos, foram entrevistados e responderam a questionários especialmente preparados e validados para a pesquisa. Na maioria das vezes não foi possível rejeitar a hipótese nula, tendo sido maior a tendência a não se encontrar diferenças significativas ao se comparar as interações entre pais-filhos adotivos e pais-filhos biológicos. Foi evidenciada com maior persistência uma diferença de interação entre pai-filho e mãe-filho, independentemente do fato de serem adotivos ou biológicos. Embora não se possa esquecer a reduzida capacidade de generalização deste estudo, a consistência dos resultados sugere que, se a adoção for adequadamente gestada, as possibilidades que terão os filhos e os pais adotivos de serem felizes, serão, praticamente, as mesmas que têm os pais e os filhos biológicos.

THE POSSIBILITIES OF SATISFACTION IN ADOPTION

ABSTRACT - The objective of the research was to deal with the nature of adoption, comparing and evaluating some aspects of the interaction between parents and adopted, and parents and biological children. Twenty four families, twelve with biological, twelve with adopted children, participated in this study. The adopted cases constituted 'full' adoption, i.e., all links with the previous family were severed and the name of the new family assumed.

Dissertação de Mestrado defendida em 05 de junho de 1987, no CPGPda Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro.

A autora agradece ao LNCC (Laboratório Nacional de Computação Científica) do CNPq, pelo uso da computação. Agradece também à CAPES, que lhe concedeu uma bolsa de estudos.

Endereço: Rua Diógenes N. Neves, 48 - Praia do Canto, CEP: 29045 - Vitória/ES.

Parents and children were interviewed and answered a specially prepared and validated questionnaire. In the majority of the cases, the null hypothesis was not rejected, and no significant differences in the interaction between adoptive and biological parents and their children were found. More frequently, a difference was found between father-child and mother-child interaction independent of the child being adopted or biological. While one cannot lose sight of the reduced generalizability of the present study, the consistency of the results suggests that if the adoption process is carried out appropriately, the possibility for parents and adopted children to be happy with each other can be the same as for parents and biological children.

Desde tempos remotos, as sociedades humanas tiveram o incômodo dos filhos sem pais. Em contra-partida, sempre existiram os casais sem filhos e, esses casais, de maneira aberta ou não, têm sido alvo da curiosidade ou preocupação dos que os cercam.

Apesar da evolução de nosso tempo, sabemos que existe uma discriminação entre as crianças nascidas dentro e fora do casal. As instituições que abrigam menores abandonados lutam com muitas dificuldades quando pretendem desenvolver programas de adoção, dificuldades essas alimentadas pela incerteza da adoção, incerteza quanto à verdadeira integração da criança no seio da família adotiva. A concepção que em geral se tem da adoção é cheia de mitos e preconceitos sustentados pela ignorância do assunto ou pela atenção seletiva aos casos mal sucedidos.

Nosso objetivo geral neste estudo foi o de, através da análise comparativa das interações pais e filhos adotivos e pais e filhos biológicos, avaliar as possibilidades de satisfação na adoção, buscando um maior conhecimento do assunto e melhor compreensão do problema. De modo mais específico buscamos identificar alguns indicadores de sucesso na adoção; identificar fatores de semelhanças na interação pais e filhos biológicos e pais e filhos adotivos e identificar fatores de diferenças na interação pais e filhos adotivos e pais e filhos biológicos.

O filho adotivo sempre despertou os mais diversos sentimentos nas pessoas: curiosidade, rejeição, compaixão... sentimentos nascidos de preconceitos, fábulas e da falta de conhecimento. Uns proclamarão a adoção como ato de caridade, prova de abnegação, outros a desaconselharão a quem quer que seja e censurarão a mãe que abandonou o filho.

É interessante observar que o tema da adoção está presente nos mitos e Freud atribuiu aos mitos valor universal por estarem eles calcados na vida psíquica. Assim, segundo Soulé e Lebovici (1980), a análise dos mitos corresponde ao que se descreve na clínica dos pais adotivos: "A adoção constitui um modo privilegiado de dramatização do conflito edípico e da angústia de castração". Segundo esses autores, as fantasias elaboradas pelo pais adotivos são as mesmas de todos os pais quando o conflito edípico se torna consciente, como por exemplo, na análise.

Muitas são as questões que interessam à Psicologia responder quanto ao sucesso da adoção e, neste estudo, tivemos a pretensão de tratar de algumas:

- no mundo de uma criança que não gerou, poderá um casal ocupar todo o espaço que ocupam as figuras parentais, preenchendo na vida dela todo o significado que um pai e uma mãe bem sucedidos preenchem?
- poderá uma criança significar para um casal que não a gerou, tudo o que pode significar um filho desejado?
- poderão pais e filhos adotivos construir entre si uma relação equiparável à dos pais e filhos biológicos?
- que fatores concorrerem para esse sucesso ou insucesso?

HIPÓTESES

Hipótese geral: A interação entre pais e filhos biológicos tende a ser mais cooperativa e amigável do que a interação entre pais e filhos adotivos.

Sub-Hipóteses: (1) Os componentes da família biológica percebem-se como mais próximos do que os componentes da família adotiva. (2) Os componentes da família biológica percebem-se como mais afetuosos do que os componentes da família adotiva. (3) Os componentes da família adotiva percebem-se como mais egocêntricos do que os componentes da família biológica. (4) Os componentes da família biológica percebem-se como mais gentis do que os componentes da família adotiva. (5) Os componentes da família biológica percebem-se como mais prestativos do que os componentes da família adotiva.

Na hipótese geral testaremos, na interação de pais e filhos biológicos e adotivos, a presença da dimensão "Cooperativo e Amigável x Cooperativo e Hostil" proposta por Wish, Kaplan e Deutsch (1976). Falaremos sobre esta dimensão adiante.

DELIMITAÇÕES E LIMITAÇÕES

Nosso estudo restringiu-se a um universo constituído de pais e filhos adotivos e pais e filhos biológicos. Dentre aqueles estão tanto os pais adotivos que têm também filhos biológicos como os que têm apenas filhos adotivos.

Filho adotivo, no nosso trabalho, é aquele que está registrado como filho do casal que o adotou, em idade precoce, pelo processo de adoção plena, de caráter irrevogável. Poderá também incluir aqueles casos que não passaram pelos trâmites legais, mas que tendo o filho sido registrado desde cedo como filho legítimo do casal, correspondem, pois, à mesma situação de adoção plena, de caráter irrevogável.

Em relação aos filhos adotivos pretendíamos considerar somente aqueles que tivessem sido adotados com o máximo de seis meses de idade, fundamentando-nos nos conhecimentos de que dispomos em relação à evolução de uma "percepção diacrítica" e da personalização. Mas na população que efetivamente utilizamos, a grande maioria das crianças foram adotadas com poucos dias de nascidas (geralmente adotadas por processo ilegal), tendo sido apenas uma delas com três meses de idade.

No momento da pesquisa tanto os filhos adotivos quanto os biológicos contavam com a idade mínima de dez anos.

Uma restrição se prendeu ao nível sócio-econômico da família que deveria pelo menos corresponder ao que se pode chamar de classe média-inferior.

Como não pudemos contar com levantamentos, nem informações estatísticas a respeito dessa população no Brasil, e tendo em vista os limites de

tempo, só pudemos contar com reduzido número de casos. Portanto, não são aleatórias as informações obtidas e, assim sendo, a generalização dos resultados será reduzida.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quanto à fundamentação teórica do nosso trabalho, buscamos-a em duas vertentes: uma da Psicanálise e outra da Psicologia Social. A primeira refere-se à interação entre pais e filhos como fator decisivo na formação da personalidade. A literatura psicanalítica enfatiza a relação mãe-filho nos primeiros anos de vida e, neste estudo, orientamo-nos pelos trabalhos de Spitz (1983) e Bowlby (1981, 1982) que, através do tratamento psicanalítico de crianças e adultos e da observação direta com crianças, propõem uma gênese da relação objetai. No estudo destes autores pesquisamos as possibilidades dos pais e filhos adotivos constituírem entre si uma relação comparável à dos pais e filhos biológicos.

Da Psicologia Social buscamos os trabalhos de Wish e Kaplan (1977) e Wish et al. (1976) a respeito das dimensões das interações interpessoais. O trabalho destes autores inspirou-nos um esquema, uma maneira de orientar-nos dentro do campo das interações.

INTERAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS E ADOÇÃO

Talvez em diferentes culturas e em diferentes épocas, ter filhos tenha tido diferentes significados para homens e mulheres mas, em qualquer época e lugar, isto sempre demandou cuidados por parte dos pais ou substitutos, cuidados esses que tanto mobilizam quanto dependem das condições psíquicas desses pais, seus conflitos, suas tensões internas, suas disponibilidades e capacidades de amar. Os pais biológicos podem tornar-se pais sem terem tido tal pretensão; a mãe biológica pode dizer "fui pega". Assim, a paternidade poderá criar desde uma situação de plena aceitação a uma de plena rejeição, esta evidenciada, às vezes, em casos de abortos. Já os pais adotivos têm que tomar uma decisão num nível a que não precisam chegar os pais biológicos. O casal que decide adotar uma criança terá que mostrar-se muito desejoso de fazê-lo, pois terá decidido transgredir a esterilidade, "contrariar o oráculo". Não queremos dizer com isto que os pais adotivos possuam sempre as melhores motivações e que a plena aceitação do filho adotivo esteja sempre garantida. Os conflitos que estão nas bases das dificuldades procriativas de um casal podem ser tais que venham também determinar o seu insucesso como pais, caso eles venham a adotar uma criança. A qualidade da motivação dos pais, sejam eles adotivos ou biológicos pode variar desde uma formação reativa a uma sublimação, isto é, desde mecanismos mais imaturos a mecanismos mais adaptados. Assim, a consangüinidade entre pais e filhos pode não coincidir com uma aceitação plena (bem como a ausência de laços de sangue não impede a possibilidade de uma plena aceitação). Portanto, a culminância da paternidade estará na satisfação que ambas as partes, pais e filhos, possam experimentar nessa interação; para a criança sentir-se filha será mais importante do que ser filha.

Soulé e Lebovici (1980), que na prática clínica também lidaram com pais e filhos adotivos, descrevem vários aspectos interessantes da dinâmica intrapsíquica e que subjazem na interação desses pais e filhos. O interessante é

que, embora a situação dos pais e filhos adotivos tenha as suas peculiaridades, como por exemplo, o problema da esterilidade, o problema da revelação da adoção à criança, o temor ou a fantasia relacionados a uma hereditariedade estranha, no fundo, tais dificuldades são sustentadas pelas mesmas motivações que estão na base de muitas das dificuldades que enfrentam, por sua vez, os pais biológicos: a necessidade de negar a cena primitiva e a exigência de que a criança corresponda ao ideal do ego dos pais. O que é essencial para os pais, sejam eles adotivos ou biológicos, é que eles consigam reencontrar o ser amado na criança, numa identificação especular, pois se esta não for conseguida, o filho se tornará um mau objeto, cujo destino será o de ser rejeitado.

UM APORTE DA PSICOLOGIA SOCIAL

Na busca de uma abordagem abrangente das interações de pais e filhos, para o nosso trabalho, inspiramo-nos no trabalho de Wish et al. (1976). Eles realizaram um estudo que, entre outros objetivos, tinha o de descobrir as dimensões fundamentais que caracterizam as percepções que as pessoas têm de suas relações interpessoais. O pressuposto essencial dos autores nesse trabalho era o de que "relações diádicas são significantes unidades perceptuais-cognitivas que podem ser avaliadas e comparadas entre si".

Nesse trabalho, as pessoas avaliavam suas relações interpessoais, por exemplo: a esposa e seu esposo. Os autores avaliaram as relações típicas por meio de três métodos de julgamento: (a) classificação direta de semelhanças entre pares de díades; (b) agrupamento de díades, e (c) classificação de díades em escalas bipolares.

Assim, eles procuraram uma amostra de relações diádicas (marido-mulher, patrão-empregado, sogra-genro etc.) que refletiu uma grande amostra de modos como as pessoas se relacionam e um conjunto de escalas bipolares que representam as mais importantes distinções que poderiam ser feitas entre diferentes tipos de relações. Enfim, eles pretendiam saber quais características certas relações possuem em comum e quais as distinguem umas das outras. Os resultados evidenciaram quatro dimensões fundamentais: (a) a primeira reflete o grau de conflito na relação e foi denominada "cooperativo e amigo x competitivo e hostil"; (b) a segunda, "igual x desigual", refere-se ao grau de diferença na distribuição do poder e dos papéis na relação; (c) "intenso x superficial", refere-se ao grau de investimento emocional e afetivo na relação, e (d) "socioemocional x orientado p/a tarefa", predominância de cumprimentos de deveres e compromissos, negócios x predominância de características socioemocionais.

O estudo desses autores é muito mais abrangente, mas o que importa para nós aqui é que, depois de vários procedimentos (Método INDSCAL* escalonamento multidimensional), eles encontraram um significativo acordo nos resultados desses diversos métodos, o que indicou a unicidade psicológica, a significância e a importância das quatro dimensões.

Os autores acima trabalharam com relações diádicas e nós podíamos considerar na estrutura "família" as díades pai-filho e mãe-filho. Deveríamos, para isto, buscar instrumentos para obter as avaliações dos componentes das

* Programa que analisa simultaneamente várias matrizes de diferenças e semelhanças, todas elas referindo a um mesmo estímulo. Determina as coordenadas de estímulo em cada dimensão. Fornece um conjunto de pesos e as dimensões para cada matriz incluída.

diades a respeito de suas interações entre si: como o pai perceberia sua relação com o filho e vice-versa e como a mãe perceberia sua relação com o filho e vice-versa.

MÉTODO

Sujeitos e Procedimento

O modelo da investigação é descritivo e correlacional. Sendo a população que nos interessava numericamente desconhecida no Brasil, não nos era possível levantar uma amostra aleatória. Além disto, o acesso às famílias adotivas não é muito fácil, num primeiro momento. Mesmo as famílias que adotam uma criança em idade precoce, que desenvolveram boas relações entre si e que dizem não fazer segredo da adoção, nem sempre se mostram, num primeiro momento, muito receptivas a uma "intrusão". As que mantêm segredo da adoção são muito difíceis de serem abordadas. Diante disto, tivemos que preparar o nosso terreno, propagando a intenção de nossa pesquisa, fazendo palestras sobre o tema e, a partir daí, algumas pessoas se ofereceram ou trouxeram indicações de famílias adotivas. Para chegar a elas, precisamos quase sempre de buscar intermediários.

Pais e filhos biológicos e adotivos foram entrevistados. As entrevistas com os pais serviram para nos informar sobre a saúde e desenvolvimento geral da criança, seu relacionamento familiar, sociabilidade e escolaridade. Com os pais adotivos procurávamos ainda saber das circunstâncias que motivaram e em que se deram as adoções, a idade da criança ao ser adotada, de como foram vividos os primeiros tempos e como tinha sido encarada por pais e filhos a questão da verdade da adoção. Estas entrevistas se deram na ausência dos filhos. Com os filhos, as entrevistas tiveram por finalidade obter-lhes a colaboração; procurávamos estabelecer um "rapport" e explicávamo-lhes que estávamos fazendo um estudo sobre relacionamento entre pais e filhos.

Esse universo se compôs finalmente de doze famílias adotivas e doze biológicas. Podemos situá-las, quanto ao nível sócio-econômico desde a classe média à classe média-alta.

Num segundo momento, nossos sujeitos responderam aos questionários dos quais falaremos a seguir.

Instrumentos

Precisávamos de instrumentos adequados e, para isto, adaptamos e validamos questionários já existentes.

Encontramos em Robinson e Shaver (1973), uma escala desenvolvida por Itikin, em 1952, a respeito do "Julgamento dos pais sobre uma criança em particular" e ainda outra escala do mesmo autor sobre "Atitudes para com os pais". A primeira, à qual passaremos a chamar A-1, é apresentada em duas formas, uma para o pai e outra para a mãe e nela, cada um, o pai e a mãe, julga a sua interação com um filho em particular (no nosso caso os dois julgaram sobre o mesmo filho). A segunda, que denominamos Questionário A-2, também foi apresentada em duas formas: numa o filho julga a sua interação com o pai e noutra ele julga a sua interação com a mãe. Os dois questionários são paralelos.

O Questionário A-1 compõe-se de dezoito itens, na forma de Likert, cinco itens de múltipla escolha e os doze últimos são de traços de personalidade dosados em cinco graus. Itikin encontrara, pelo método das metades, uma con-

fiabilidade de 0,949, calculada sobre as respostas de 412 pais de estudantes de Chicago. A validade, pela correlação dos escores obtidos nos questionários com a autoclassificação, foi de 0,623.

O Questionário A-2 compõe-se de onze itens do tipo falso-verdadeiro, oito itens de múltipla escolha e dezesseis de traços de personalidade dosados em cinco graus, como no Questionário A-1. A confiabilidade calculada sobre as respostas de 311 estudantes de Chicago foi de 0,956 na forma para o pai e de 0,920 na forma para a mãe, esta calculada sobre 323 respostas. A validade foi calculada buscando-se a correlação do escore no questionário com a autoclassificação. Na forma para o pai a validade foi de 0,700 e na forma para a mãe, de 0,798. Tais dados indicam confiabilidade e validade razoáveis. Quanto ao conteúdo, os questionários A-1 e A-2 são paralelos, havendo mesmo itens que são perfeitamente equivalentes.

Selecionados os questionários, o passo seguinte foi traduzi-los do inglês e em linguagem adequada ao nosso meio e fazer uma validação do conteúdo. Era importante, então, tratar da questão da clareza e da adequabilidade dos itens. Para isto, solicitamos a colaboração de 16 juízes, entre colegas psicólogos. Além de solicitar-lhes que julgassem os itens quanto à clareza e adequabilidade, solicitamo-lhes ainda que classificassem esses mesmos itens de acordo com as dimensões propostas por Wish et al. (1976). Para isto, os juízes receberam definições operacionais das quatro dimensões, os questionários em formulários próprios, onde, à frente de cada item, poderiam assinalar a classificação do item e ainda a sua concordância ou não quanto à clareza e adequabilidade dos mesmos. Pedimos também aos juízes sugestões para melhor redação desses itens.

Tendo recebido o trabalho de dez juízes, partimos para o levantamento e aperfeiçoamento da forma traduzida dos questionários. Fizemos, a seguir, um pré-teste com 57 adolescentes e 54 pais (pai e mãe). A experiência do pré-teste demonstrou não haver grandes dificuldades na utilização dos questionários. Os resultados se distribuíram de maneira semelhante à distribuição normal e a confiabilidade para os pais foi 0,89, para as mães, 0,87 e para os filhos, 0,71.

RESULTADOS

Para a análise dos resultados foi preciso criar um modelo formal que desse conta da interdependência dos componentes da família. Foi feita uma análise de variância com medidas repetidas. O grupo (família) foi considerado como unidade de análise e, dentro desse grupo, foi distinguido um nível dos pais e outro subconjunto, do filho em relação ao pai e do filho em relação à mãe. Portanto, obtivemos das três pessoas (pai, mãe e filho) quatro medidas, contrastando-se ainda biológico com adotivo. As médias das quatro medidas, nas famílias adotivas, foram comparadas às médias das famílias biológicas, independentemente de distinções intragrupos. Dessa diversidade de medidas foi, pois, criada uma sintaxe que possibilitou a análise simultânea dos diversos níveis de agregação.

Hipótese Geral

Os componentes da família biológica são mais cooperativos e amigos do que os componentes da família adotiva.

A dimensão "cooperativo e amigo" acha-se, conforme já comentamos, representada nos dois questionários (A-1 e A-2), por determinados itens que fo-

ram selecionados pelos juizes. A síntese das estatísticas dos resultados de ambos os instrumentos encontram-se nas Tabelas 1 e 2.

TABELA 1 — Estatísticas descritivas e teste t do Questionário A-1
Dimensão Cooperativo e Amigo.

RESPONDENTES	\bar{X}	DP	t	P
Pai adotivo	50,50	13,67	-0,21	n.s.
Pai biológico	51,50	9,42		
Mãe adotiva	51,58	11,13	-0,54	n.s.
Mãe biológica	54,08	11,53		

N = 12 sujeitos por condição.

TABELA 2 — Estatísticas descritivas e teste r do Questionário A-2
Dimensão Cooperativo e Amigo.

RESPONDENTES	\bar{X}	DP	t	P
Filho/pai adotivo	46,83	6,45	-2,08	< 0,05
Filho/pai biológico	53,25	8,52		
Filho/mãe adotiva	47,50	7,17	-0,54	n.s.
Filho/mãe biológica	48,92	5,57		

N = 12 sujeitos por condição.

Encontramos diferença significativa apenas do ponto de vista do filho em relação ao pai: o filho adotivo percebeu o seu pai como "cooperativo e amigo" num grau mais intenso do que o filho biológico ($p < 0,05$). Com relação à hipótese geral, podemos, pois, dizer que os componentes das famílias adotivas são tão cooperativos e amigos quanto os componentes das famílias biológicas, sendo que os filhos adotivos tendem a perceber o pai como mais cooperativo e amigo do que o filho biológico percebe o seu. Mas devemos lembrar aqui a não representatividade de nossa amostra.

Sub-Hipóteses

Sub-Hipótese 1. "Os componentes da família biológica percebem-se como mais próximos do que os componentes da família adotiva". Ao analisarmos a "proximidade" nas famílias adotivas e biológicas, encontramos diferença significativa do ponto de vista dos filhos: o filho biológico se percebe mais próximo de sua mãe do que o filho adotivo e menos próximo do seu pai do que o filho adotivo se percebe do seu.

Pela Figura 1 podemos observar esta relação. Podemos observar, ainda, que o filho adotivo parece perceber a sua proximidade dos pais de maneira mais equiparável (pai e mãe em níveis semelhantes de proximidade), enquanto que o filho biológico percebe a sua proximidade dos pais de maneira discrepante (mãe muito próxima e pai pouco próximo).

Se desprezarmos a condição de adotivo e biológico e compararmos as percepções de pais e de mães, encontramos uma diferença significativa ao nível de $p=0,027$ e um $F = 5,57$. Isto quer dizer que a despeito de serem adotivos ou

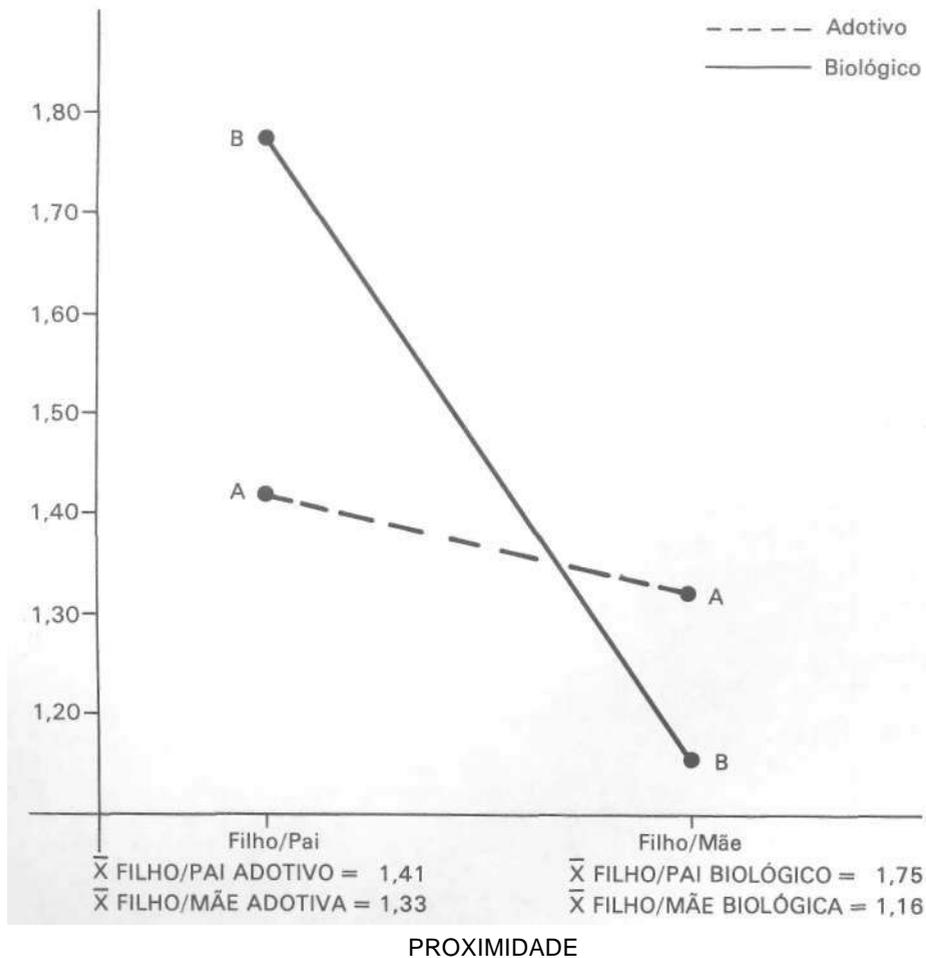


FIGURA 1 - Interação F/C (Filho/Condição) $F(1, 22) = 5,85 - p < 0,024$.

biológicos, prevalece um papel de pai e um de mãe. Isto nos remete para outro nível da análise, o da interação pais/filhos, que também apresentou diferença significativa (Figura 2). Neste nível comparamos as percepções dos pais em geral (sem considerar a condição de ser adotivo ou biológico). Podemos observar que as percepções entre pai e filho são mais equiparáveis, enquanto que as percepções entre mãe e filho são mais discrepantes: o filho se percebe mais próximo da mãe enquanto que esta se percebe menos próxima do filho.

Por que as percepções do filho adotivo, quanto à proximidade de seus pais, são mais equiparáveis do que as percepções que o filho biológico tem dos seus?

Por que o filho biológico se percebe mais próximo de sua mãe do que o filho adotivo? Por que o filho adotivo se percebe mais próximo do pai do que o filho biológico?

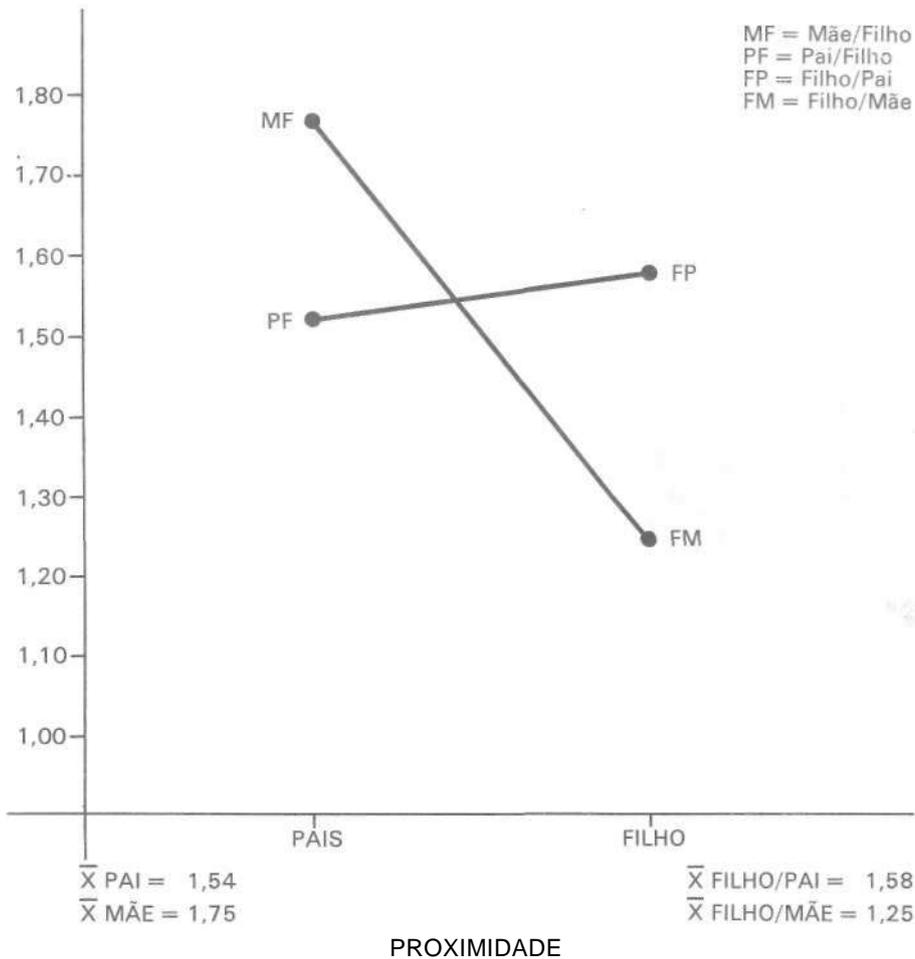


FIGURA 2-Interação P/F (Pais/Filho) $F(1, 22) = 5,24 - p < 0,03$.

Por que o pai se percebe mais próximo do filho do que a mãe enquanto que o filho se percebe mais próximo da mãe do que do pai?

Começamos pela última pergunta, que se refere a pais e filhos em geral (Figura 2).

As idades médias de nossa população são, para os filhos adotivos, 13,4 anos e para os filhos biológicos, 13 anos; para os pais adotivos, 44,3 anos e para os pais biológicos, 38 anos. Portanto, esses filhos se acham no início da adolescência, período que na nossa sociedade se caracteriza por ser difícil para os filhos e para os pais, por ser cheio de conflitos e ambivalências. Se fizermos uma retrospectiva ao início da maternidade e da paternidade, vemos que a maternidade se iniciou de uma maneira mais exclusiva, mesmo para o caso das mães adotivas. Apesar das transformações por que vem passando o papel da mulher na nossa sociedade, ainda não podemos negar a intensidade da ligação inicial

da mãe com o filho. Já o pai poderia não estar tão pronto para liberar seus sentimentos paternos. O temor de que o filho não seja seu, parece ser uma fantasia iminente, mesmo no caso dos casais harmônicos e "os sentimentos de rivalidade do homem frente à mulher poderiam levá-lo a esquecer sua participação ativa na procriação e, por isto, não se aproximar do filho ou não o sentir como seu" (Aberastury & Sales, 1985). A mãe se encarregará dos cuidados mais diretos e necessários à sobrevivência nos primeiros meses e, provavelmente, ainda se encarregue deles durante a infância e adolescência; não teria ela agora mais dificuldades em desprender-se do filho, ressentindo-se mais e sentindo que já não é tão próxima dele? O pai talvez se sinta agora mais liberado para o exercício da paternidade até mesmo porque isto agora não lhe exige comportamentos e atitudes "femininos" como limpar, vestir, alimentar, brincar...

Quanto aos filhos, ao responderem que se percebem mais próximos das mães, eles podem estar dando uma resposta autêntica: é realmente das mães de quem ele deve perceber-se mais próximo?

Autêntica ou não, a resposta do filho não corresponde à da mãe que não se considera tão próxima dele. Isto demonstra uma discrepância dos pontos de vista dos componentes de díade mãe-filho, discrepância que provavelmente se refletirá na relação entre eles.

Já na díade pai-filho, as percepções de proximidade tendem a se corresponder mais e isto provavelmente se refletirá na relação entre eles. Só podemos concluir que a relação entre mãe e filho será um tanto diferente da relação entre pai e filho: seria a relação pai-filho mais "racional", enquanto que a relação mãe-filho seria "emocional"? Seria a relação pai-filho mais autêntica e a relação mãe-filho mais cheia de censura, isto é, haveria para com a mãe mais cuidado em agradar?

Considerando tudo o que nos tem sugerido os resultados até aqui analisados e focalizando o filho adotivo na Figura 1, observamos que ele ainda se considera mais próximo de seu pai do que o filho biológico. Isto nos leva a refletir um pouco sobre a iniciação da paternidade no pai biológico e no pai adotivo: esse início seria um tanto diferente para um e para outro: o pai adotivo, além de não ter que aguardar tanto tempo para, de certa forma, romper a relação dual entre mãe e filho (não acompanha uma gestação, lactação...), teria a sua vivência da fase inicial diferente, pois não estaria sujeito às fantasias a que está sujeito o pai biológico (fantasia de que o filho pode não ser seu). No momento em que ele se decidiu pela adoção, ele pode ter ido mais longe do que o pai biológico na sua definição do desejo de paternidade, ele já decidiu "transgredir o oráculo", ele já não se sente presa de uma maldição, ele já decidiu tomar como seu um filho que não gerou. Isto explicaria talvez porque o filho adotivo pode se perceber mais próximo do pai do que o filho biológico.

A mãe adotiva, não tendo passado por uma gestação biológica, estaria em condições mais próximas às do pai para estabelecer uma ligação com o filho. Assim, pai e mãe adotivos iniciariam com o filho uma ligação partindo de pontos mais próximos, e poderiam ser percebidos mais semelhantes do que os pais biológicos.

Observando ainda a Figura 1, por que o filho biológico se considera mais próximo de sua mãe do que o filho adotivo? Pesariam aqui as experiências de gestação, parto e lactância? Mas, considerando os pais (casal), não encontramos diferença significativa entre eles quanto à percepção de proximidade dos filhos. Se a resposta a estas questões está nos fatos biológicos da maternidade,

explicar porque eles refletiriam mais ou tão-somente nos filhos, está, infelizmente, além do alcance deste trabalho.

Sub-Hipótese 2. "Os componentes da família biológica percebem-se como mais afetivos do que os componentes da família adotiva".

Com relação a esta hipótese, não encontramos nenhuma diferença significativa no afeto percebido entre os componentes das famílias biológicas e adotivas. No geral, houve uma tendência, próxima do nível significativo, de a família adotiva perceber-se como mais afetiva.

Sub-Hipótese 3. "Os componentes da família biológica percebem-se como mais prestativos do que os componentes da família adotiva".

Também desta vez os resultados sugerem a confirmação da hipótese nula, isto é, não existiria diferença significativa entre as famílias adotivas e biológicas quanto à prestimosidade dos seus componentes.

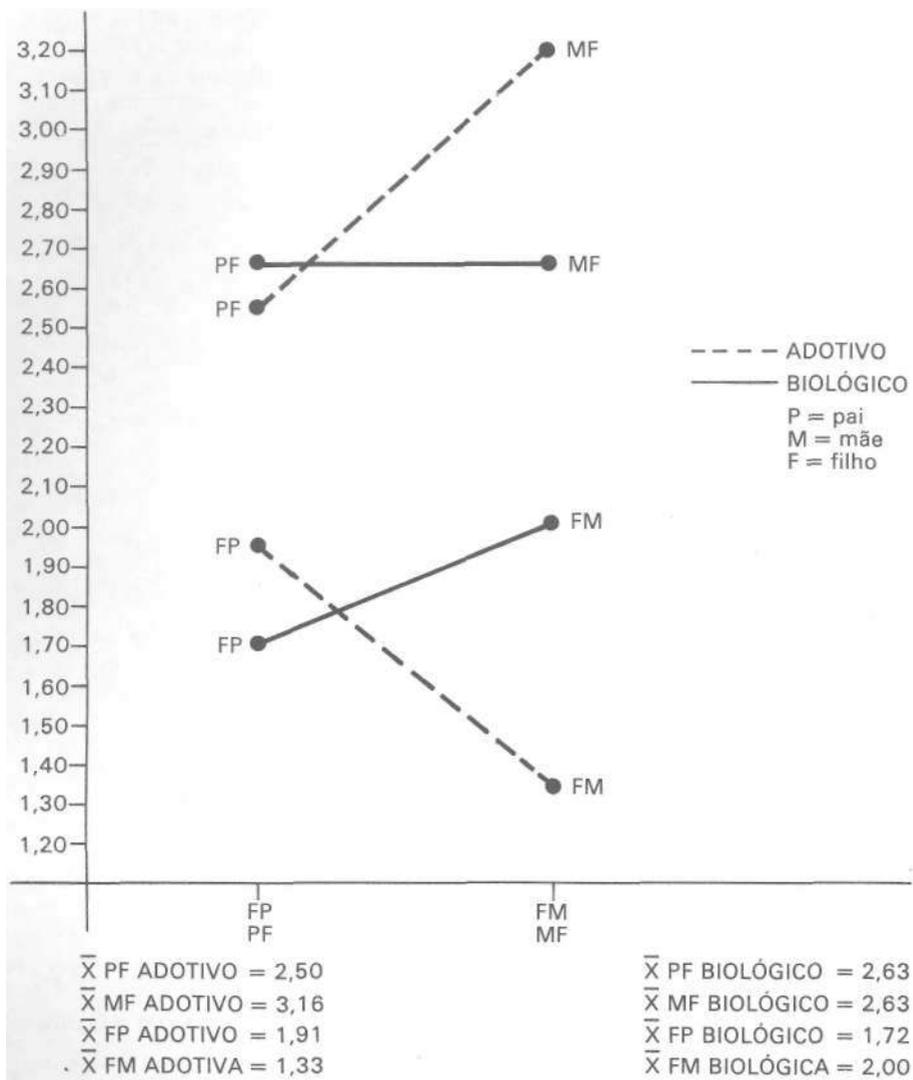
Mas se desprezarmos a condição de adotivos e biológicos, encontraremos uma diferença significativa ao compararmos pais e mãe em geral, sendo que os pais percebem os filhos como mais prestativos do que as mães (\bar{X} pais = 2,41, \bar{X} mães = 2,58; $F = 49,00$, $p \leq 0,00$).

Tal resultado se configura, a nível geral, de modo semelhante ao da proximidade. Assim, os pais se percebem mais próximos de seus filhos e os percebem mais prestativos do que as mães os percebem. Isto nos faz supor que, nas diferenças das linhas evolutivas da maternidade e da paternidade, estaria o suporte para a discriminação dos papéis sociais de pai e de mãe que agora prevalecem.

Sub-Hipótese 4. "Os componentes da família adotiva percebem-se como mais egocêntricos do que os componentes da família biológica".

Esta sub-hipótese ficou parcialmente confirmada, pois encontramos diferenças apenas ao compararmos as percepções de pais e filhos adotivos e de pais e filhos biológicos. Podemos observar esta interação na Figura 3. Os pais (casal) biológicos apresentam percepções mais equiparáveis do egocentrismo do filho enquanto que os pais adotivos percebem-no de maneira mais discrepante. Observamos, ainda, que o maior índice de egocentrismo está na percepção que a mãe adotiva tem do filho, enquanto que o menor índice está na percepção que este filho tem de sua mãe. Considerando que a mãe adotiva é quem apresenta a percepção de maior egocentrismo, conjecturamos que isto poderia estar refletindo alguma característica da mãe adotiva, algo relacionado com a elaboração da problemática da esterilidade, por exemplo. Mas examinando nossa população, verificamos que dentre as doze mães adotivas, apenas quatro não têm também filhos biológicos. Portanto, a questão da infertilidade não seria tão típica desse grupo. O que poderia, sim, ser comum a todas elas seria o receio de que o filho queira um dia procurar sua genitora ou que esta apareça buscando o filho. Seria a mãe adotiva mais receosa neste sentido e por isto a sua expectativa é a de que seu filho seja mais egocêntrico, ou seja, considere mais a si próprio do que a ela, se um dia o interesse em rebuscar a sua origem o vier acometer? Mas, e o pai adotivo? Seria ele menos suscetível a este receio (por ser a relação paterna mais racional do que a relação que existe entre mãe e filho...). Fica a suspeita de que a mãe adotiva receie mais o egocentrismo do filho, pois não podemos responder a esta questão dentro dos limites deste trabalho.

Sub-Hipótese 5. "Os componentes da família biológica percebem-se como mais gentis do que os componentes da família adotiva"



EGOCENTRISMO

FIGURA 3 - Interação P/F/C (Pais/Filhos/Condição) $F(1, 22) = 8,12 - p \leq 0,00$.

*OBS.: QUANTO MENOR A CONTAGEM, MENOS EGOCÊNTRICO.

Encontramos diferença significativa apenas ao compararmos pais (casal) adotivos e biológicos. A Figura 4 mostra-nos esta relação e podemos observar que os pais biológicos tendem a perceber seus filhos como mais gentis do que os pais adotivos.

Como nos fatores proximidade, prestimosidade e egocentrismo, também no fator gentileza surgiu uma diferença significativa entre pais e mães em geral, sendo que as mães percebem os filhos como mais gentis do que os pais percebem. Neste Caso, a percepção das mães foi mais positiva, enquanto que nos fatores anteriores as percepções dos pais foram mais positivas.

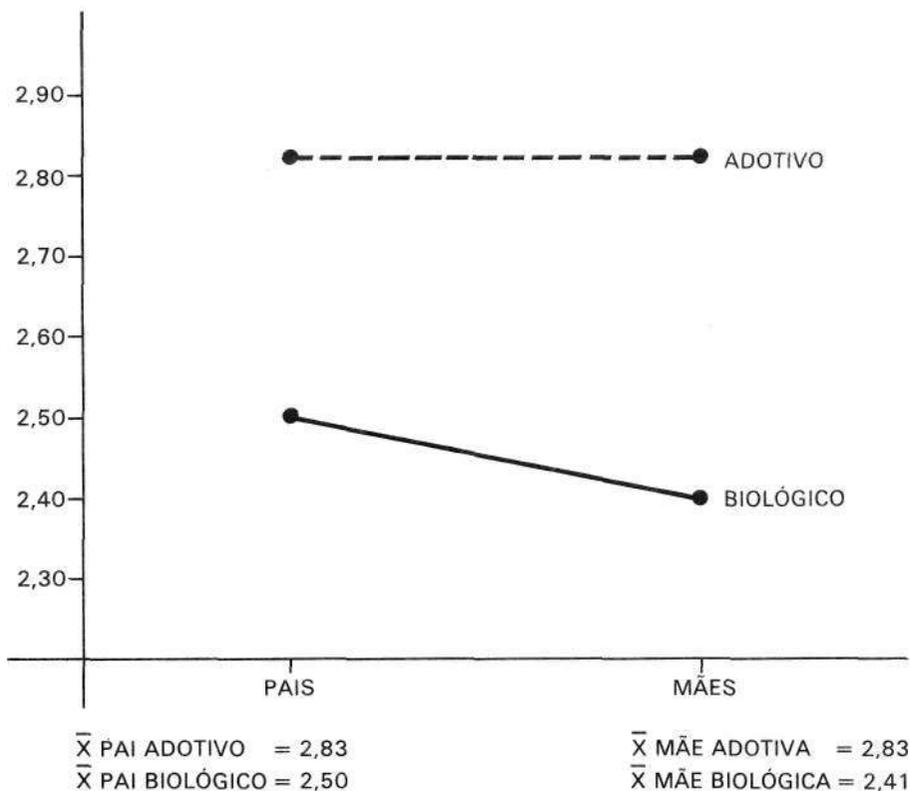


FIGURA 4- Gentileza interação Pai/Condição $F(1,22) = 8,09 - p = 0,009$.

Por que os pais biológicos percebem seus filhos como mais gentis do que os pais adotivos? Seriam eles mais preocupados em dar boa impressão de seus filhos, uma vez que são responsáveis inclusive por sua carga genética?

Estariam os pais adotivos demonstrando o quanto aceitam seus filhos, mesmo não sendo eles muito gentis ou, ainda, mostrando que seus filhos têm espaço total para serem eles próprios, inclusive não ser muito gentis? Ou ainda, será que os filhos adotivos correspondem menos ao ideal do ego dos pais do que os filhos biológicos? Estaria se refletindo aqui um impacto da hereditariedade estranha?

Por que a percepção das mães, em relação à gentileza, é mais positiva? Isto também teria a ver com o tipo de relação que se desenvolve entre mãe e fi-

lho? Numa relação mais emocional e mais sujeita ao sentimento de querer agradecer como já suspeitamos ser a relação mãe-filho, faria mais sentido ser mais gentil e numa relação mais racional, faria mais sentido ser mais prestativo?

CONCLUSÃO

Nosso estudo sugeriu-nos que as famílias adotivas são tão cooperativas e amigas quanto as famílias biológicas. Isto quer dizer, também, que as possibilidades de que haja conflitos nas relações dentro dessas famílias são as mesmas.

Com relação às sub-hipóteses, o predomínio de uma diferença significativa entre pais e mães em geral (sem discriminar adotivos e biológicos) pareceu destacar os papéis sociais de pai e de mãe.

Nossas reflexões nos encaminharam para a focalização de que a maternidade e a paternidade, por motivos biológicos ou culturais, ou por ambos, se iniciam diferentemente. Nossos resultados levaram-nos a pensar assim e, ainda, que essa diferença cria um tipo de relação diferente mãe-filho e pai-filho, apesar de forças e fatores sociais tenderem, atualmente, a diminuir essa diferença. Vimos que os pais se consideraram mais próximos dos filhos do que as mães. Sendo os filhos em nossa população já adolescentes, isto nos sugeriu que a paternidade evoluiria no sentido de adquirir proximidade enquanto que a maternidade evoluiria no sentido de diminuir a proximidade. Seria a relação pai-filho mais dentro do real, mais objetiva, mais racional? Seria a relação mãe-filho mais dentro do imaginário, mais pautada pelo desejo de corresponder ao desejo do outro? Teria a mãe maior expectativa com relação à retribuição do amor por parte do filho?

No par parental adotivo a desigualdade será menor não só pela ausência dos fenômenos biológicos da maternidade, mas ainda pelas condições em que se encontra o pai adotivo: ele pode ter chegado a um nível de decisão ao qual não precisou chegar o pai biológico e sua realidade não favorece certos tipos de fantasias que no início podem colocar o pai em situação um tanto relutante.

Mas, e a experiência da gestação, parto e lactância? Por que os filhos biológicos se percebem mais próximos de suas mães do que os adotivos? Isto estaria refletindo uma exoerência "mais simbiótica" dos filhos biológicos? Infelizmente esta questão extrapola este trabalho (mas não precisamos ir longe para termos a certeza de que o funcionamento orgânico normal não garante que sejam ótimas as condições da maternagem, nem seria esta uma função setorial da personalidade mas uma função da personalidade total). O complexo psiquismo humano interfere e modifica as reações e comportamentos e como esta relação entre o psíquico e o orgânico não é unívoca, a afetividade e o comportamento adequados podem ocorrer na ausência do completo funcionamento orgânico.

Não possuindo nosso universo de pesquisa, características de aleatoriedade, nossas inferências têm alcance bastante reduzido. No entanto, o comportamento dos resultados, em se tratando de universo numericamente pequeno, insinuam, com certa persistência que, se pais adotivos e biológicos iniciam a relação com o filho recém-nascido com algum descompasso marcado pela existência ou não de uma simbiose biológica, eles poderão acertar o passo e manter com seus filhos relações igualmente cooperadoras e amigas, igualmente afetivas e com as mesmas possibilidades de serem felizes.

Acreditamos que muito há que mudar na mentalidade da nossa sociedade, não só para que mais adoções aconteçam, mas também para que seus riscos sejam reduzidos.

Na verdade, não acreditamos que a adoção plena possa ser uma solução, a nível social, para o problema do menor abandonado. A adoção plena, no seu verdadeiro sentido, não se origina da necessidade de fazer caridade, pois não podemos negar que o filho é a grande chance de realização do projeto narcisista dos pais.

Portanto, esse amor dos pais, com sua natureza narcisista, será mais prontamente despertado se a criança se constituir num objeto de identificação especular e, apesar de tudo de bom que os pais possam proporcionar aos filhos, a adoção está bem longe de ser um ato de caridade, um ato no qual quem tem mais, doa a quem não tem, mas será sim, um ato no qual as duas partes têm algo a dar e, pelo intercâmbio que fazem, se tornam mais ricas.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Sales, (1985). *A paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Robinson, J.P. & Shaver, P.R. (1 973). *Measures of social psychological attitudes*. Ann Arbor, MI: University of Michigan, ISR.
- Soulé, M. & Lebovici, S. (1 980). *O conhecimento da criança pela psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Spitz, R.A. (1983). *O primeiro ano de vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- Wish, M. & Kaplan, S.J. (1 977). Toward an implicit theory of interpersonal communication. *Sociometry*, 40, 234-246.
- Wish, M., Kaplan, S.J. & Deutsch, M. (1976). Perceived dimensions of interpersonal relations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 33, 409-420.

Texto recebido em 15/04/88.